



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

EMPODERAMENTO FEMININO, CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO MÉDIO. UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

*Larine Aparecida Potoski,
Manuel Moreira da Silva

Eixos Temáticos: Educação e diferença

Palavras chave: Mulher. Corpo. Gênero. Sexualidade

Este trabalho relata uma experiência pedagógica, ainda em andamento, no Colégio Mahatma Gandhi, em Guarapuava/PR. Trata-se do projeto **Empoderamento feminino, corpo, gênero e sexualidade**, desenvolvido pelo PIBID Filosofia da UNICENTRO/PR e que consiste na realização de oficinas sobre a situação da mulher na sociedade atual. As oficinas discutem temas como corpo, gênero e sexualidade, tendo por foco as problemáticas que pairam sobre as mulheres e a comunidade LGBT em geral e no Ensino Médio em especial. Tais problemáticas foram trazidas ao PIBID Filosofia pelas alunas e pelos alunos da Escola participante a partir de outros projetos então realizados; em vista disso, tomando consciência da demanda em questão o PIBID Filosofia se propôs a abrir um espaço para discussão e aprendizado em torno dos direitos da mulher e do empoderamento feminino, assim como dos direitos e da liberdade de expressão LGBT.

Neste sentido, o trabalho tem por objetivo discutir a referida experiência no plano de uma metodologia de ensino aplicável aos conteúdos mobilizados nos limites dos coletivos feministas e da militância LGBT. Tematiza, pois, em que medida o projeto ora em realização permite enfatizar assuntos importantes, porém deixados de lado, no intuito de contribuir para o empoderamento daqueles que sofrem com preconceitos, machismo, homofobia etc., assim como ouvir e dar voz àqueles que são considerados “minorias”. O trabalho consiste, pois, numa reflexão acerca do acesso de grupos marginalizados ou oprimidos à palavra e ao poder de dizer o que lhes importa, no âmbito da compreensão de si mesmos como sujeitos, em suma, como cidadãos livres e, por isso, aptos a ser, pensar e dizer. Desse modo, o projeto se volta para a compreensão e o esclarecimento do papel da mulher no mundo atual, abordando questões sobre como o corpo da mulher é visto, a situação da mulher com relação ao trabalho,



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

à violência, etc. Contudo, visto que o Brasil é o país com maior índice de mortes de LGBTs, o trabalho também reflete sobre as questões de gênero, corpo e sexualidade de modo a desconstruir pré-conceitos como aqueles ligados ao machismo como à homofobia.

A experiência pedagógica desenvolvida fundamenta-se em Del Priore (2000) e em Beauvoir (1980). Conforme Del Priore (2000, p. 444), em 1827, no Brasil, foi determinado o estabelecimento das “escolas de primeiras letras”, que ensinavam meninos e meninas; tal ensinamento, porém, não ocorria da mesma forma para os meninos e para as meninas. Em princípio todos e todas recebiam os mesmos ensinamentos básicos que consistiam em ler, escrever e contar, saber as quatro operações e a doutrina do cristianismo; mas, em seguida, começavam a surgir mudanças no ensino entre os sexos: as meninas aprendiam bordado, costura; já os meninos aprendiam noções geométricas, por exemplo. Diante desse quadro, tudo se passa como fosse natural a divisão entre homens e mulheres na sociedade e daí a discriminação e a desvalorização do papel e da função da mulher, que fica sentenciada a limitar-se aos cuidados domésticos com a casa, marido e filhos. Essa realidade, no entanto, começa a mudar na segunda metade do século passado, com a divulgação no país das obras de Simone de Beauvoir entre outras escritoras e filósofas de renome internacional.

Em que pese a crescente liberação e empoderamento da mulher na sociedade, a escola ainda permanece como que na mesma situação descrita por Del Priore (2000). Ainda hoje, mesmo não sendo comum encontrar um tratamento discriminatório entre meninos e meninas no ensino, pode-se perceber a influência da cultura machista presente na educação. Nos materiais didáticos não se encontra uma representação minimamente justa em relação às mulheres – mesmo havendo filósofas, cientistas, artistas etc., tão reconhecidas em suas áreas quanto os homens de seu tempo –, quando as mulheres aparecem geralmente são citadas como cumprindo uma função subalterna ou apresentadas de modo insuficiente. No ambiente escolar, isso só reforça os comportamentos machistas dos alunos para com suas colegas e professoras, bem como de professores com respeito às professoras e alunas; e assim segue o problema, quase que despercebido. Ora, de acordo com Simone de Beauvoir (1980), se “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, disso se depreende que a realidade da mulher, a sua natureza e a sua diferença em relação aos homens é algo construído social, política e



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

historicamente. Se isso é assim, dar voz às mulheres implica necessariamente pensar a realidade que as próprias mulheres se dão ou representam em relação a si mesmas já na escola. Não somente as mulheres, mas também outros grupos sociais marginalizados e vítimas de violência, como a comunidade LGBT.

O primeiro passo para se pensar a realidade da mulher e da comunidade LGBT consiste em reconhecer o aumento significativo da participação das mulheres na sociedade e a autoafirmação LGBT, seja em âmbito político, econômico e mesmo na educação. O não reconhecimento desse fato gera os mais diversos problemas, os quais são agravados por uma sociedade machista que, embora se aproprie do trabalho e da criatividade da mulher, não lhe permite o mesmo tratamento concedido aos homens, assim como o recrudescimento dos pré-conceitos anti-LGBT. Ao contrário, cada vez mais se ressentem da tomada de consciência e da liberação que, na luta cotidiana por autoafirmação, as mulheres e a comunidade LGBT vêm conquistando; as consequências são inúmeras: aumento da homofobia e da violência contra a mulher, discriminação no trabalho, na escola, na família etc. No limite, essa situação tem levado a casos de femicídio, lgbtcídio ou mesmo de suicídio.

Assumindo, pois, o reconhecimento da realidade da mulher e da comunidade LGBT como um princípio, a experiência ora em andamento consiste numa série de oficinas, nas quais o essencial é a manifestação da própria voz, isto é, o protagonismo das mulheres, de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros que se interessem por compartilhar ou compreender algo de sua experiência de mundo. As oficinas, em princípio semanais, trabalham com fotografia, análises de músicas, vídeos curtas-metragens, textos, poemas, etc., nos quais se retratam temas e problemas diversos relacionados ao feminismo, ao corpo, ao gênero e à sexualidade sob um ponto de vista filosófico. Uma das atividades já realizadas foi a dinâmica, na qual as (os) alunas (os) discutiram a questão “*o que é mulher para você?*”, trabalhada a partir da tese fundamental de Simone de Beauvoir, segundo a qual “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. O cerne do projeto e da experiência que o desenvolve é, a partir das respostas e reflexões dos próprios alunos e das próprias alunas,



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

permitir a cada encontro uma reflexão concreta mais e mais aprofundada sobre si mesmo. Em suma, sobre o ser si mesmo no mundo e com os outros no mundo.

Nas atividades já realizadas constataram-se aberturas ao tema e à discussão, bem como resistências de alunas e alunos. Isso, pelo menos em parte, devido a umas e outros também sofrerem e reproduzirem quase que a todo momento os mesmos pré-conceitos que o projeto intenta desconstruir. Dissolver tais resistências e manter as interessadas e os interessados em uma dinâmica de colaboração benéfica e saudável a todos e a todas tem sido até aqui a principal dificuldade encontrada pelas pibidianas e pelos pibidianos envolvidos no projeto. Em todo caso, a discussão filosófica e o trabalho em conjunto, mediados por uma metodologia participante e fundada em um pensar concreto, que se dá nas imagens que cada um forma de si mesmo e do outro na respectiva ação, nos permite afirmar a gestação de um reconhecimento mútuo, no qual alunos e alunas, quaisquer que sejam as suas orientações sexuais, possam enxergar-se no outro e assim enxergá-lo como um igual ou uma igual, no sentido de que cabe a todos e a cada um o respeito e a reciprocidade. Espera-se, enfim, que esse enxergar-se no outro não seja fruto de coação, mas de compreensão racional.

Assim, o PIBID Filosofia mostra que ensinar filosofia a partir das práticas e valores dos próprios discentes do ensino médio é não só possível, mas também o caminho mais adequado para a formação ética e política de nossos jovens e adolescentes. Permitir que a reflexão filosófica de cada um faça com que ele ou ela redimensione seus limites e suas possibilidades, seus direitos e seus deveres faz com que a própria filosofia se redimensione e volte a assumir-se como um modo de vida, fazendo com que esta se compreenda sob a exigência socrática segundo a qual uma vida sem exame não merece ser vivida. O que ainda vale para todas e todos.

Referências bibliográficas:

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (2 vols.).
- DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.